



## O ENSINO DA COMUNICAÇÃO EM CURSOS DE ENFERMAGEM NO BRASIL

Isabel Cristina Adão Schiavon

Ernani Coimbra de Oliveira (1); Stela Cabral de Andrade (2); José Carlos Gonçalves (4)

Universidade Federal Fluminense - isabel.schiavon@ifsudestemg.edu.br

**Resumo:** A comunicação é o meio pelo qual as pessoas interagem umas com as outras, compartilhando mensagens e se tornando efetiva à medida em que essa mensagem é compreendida tanto pelo receptor quanto pelo emissor. Como base fundamental das relações interpessoais, a comunicação constitui-se também em uma necessidade humana básica e pode ser subdividida em verbal e não-verbal. Embora comumente apontada como benéfica, efetiva e terapêutica no tratamento de doenças, estudos recentes também revelam que a comunicação, sobretudo a não-verbal, guardam em si grande potencial para se tornarem prejudiciais e desfavoráveis à melhoria do estado de saúde de pessoas em tratamento, ou seja, iatrogênica. O objetivo da pesquisa é descrever o panorama brasileiro do ensino de conteúdos de Comunicação nos currículos de graduação em Enfermagem no Brasil. Esse estudo será descritivo e exploratório. O estudo foi desenvolvido com base no portal do Ministério da Educação com amostra total de 821 instituições de ensino superior, das quais, 244 foram selecionadas para composição da amostra. Os resultados apontaram para uma deficiente inclusão dos conteúdos pesquisados, demonstrando uma fragilidade na formação do enfermeiro. Essa constatação se contrapõe àquilo que se espera do enfermeiro durante o atendimento e em sua prática cotidiana do cuidado e relacionamento com a equipe de saúde. Uma relação terapêutica tem entre seus pilares a comunicação, que dada a sua importância não pode ser relegada a um papel secundário em relação às disciplinas biomédicas. A superação desse modelo com vistas a um modelo holístico e humanizado passa, necessariamente, pela revisão dos conteúdos trabalhados no currículo dos profissionais de saúde. Nesse sentido é fundamental que se repense a importância da Comunicação enquanto componente curricular obrigatório nas grades da graduação em Enfermagem.

**Palavras-chave:** Comunicação não-verbal, Relações interpessoais; Enfermagem; Currículo.

### Introdução

A comunicação é uma necessidade humana básica e é fundamento imprescindível na assistência prestada por todos os profissionais de saúde, independente de sua área de formação básica (STEFANELLI, 1993).

Araújo, Silva e Puggina (2007) afirmam que a comunicação não é só um instrumento básico para o relacionamento terapêutico, mas também uma capacidade interpessoal ou competência. As autoras ainda nos alertam que:

Decodificar, decifrar e perceber o significado da mensagem que o paciente envia para estabelecer um plano de cuidados adequado às necessidades individuais do mesmo é tarefa dos profissionais de saúde. Para que este



processo complexo seja eficaz, não basta ao profissional utilizar somente a comunicação verbal; é preciso estar atento aos sinais não-verbais emitidos durante a interação com o paciente (ARAÚJO, SILVA E PUGGINA, 2007, p.419)

Stefanelli (1993) nos aponta que a dimensão não-verbal da comunicação envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras, cuja significação está vinculada ao contexto em que ocorrem.

Segundo Silva (2006), os sinais não-verbais podem ser utilizados para complementar, substituir ou contradizer a comunicação verbal e também para demonstrar sentimentos.

Reconhecida como uma necessidade humana básica, a comunicação é fator imprescindível na interação entre pessoas e meio ambiente e pode ser classificada como verbal ou não-verbal.

Embora normalmente descrita como um importante fator terapêutico, a comunicação não-verbal entre profissionais de saúde e pacientes nem sempre tem se mostrado efetiva e benéfica. Estudos recentes têm revelado um lado ainda pouco conhecido dessa relação: o fator iatrogênico. Ou seja, a comunicação em determinados momentos deixa de contribuir para a recuperação do estado de saúde do paciente e torna-se responsável por prejuízos, sobretudo psicológicos, os quais agravam ou retardam esse restabelecimento.

A comunicação não-verbal qualifica a interação humana, imprimindo emoções, sentimentos, adjetivos e um contexto que permite ao indivíduo perceber e compreender não apenas o que significam as palavras, mas também o que o emissor da mensagem sente. A qualificação da linguagem verbal é dada pelo tom de voz e jeito com que palavras são ditas, por olhares e expressões faciais, por gestos que acompanham o discurso, pela postura corporal, pelo tamanho da distância física que as pessoas mantêm umas das outras e até mesmo por suas roupas, acessórios e características físicas. Como nos afirmam Araújo, Silva e Puggina: “mesmo o silêncio, em determinado contexto, é significativo e pode transmitir inúmeras mensagens” (2007, p.419).

No contexto assistencial de saúde, espera-se que toda comunicação verbal e não-verbal seja benéfica, efetiva, terapêutica; entendendo-se a comunicação terapêutica como a habilidade do profissional em utilizar seu conhecimento sobre comunicação para ajudar a pessoa a enfrentar



seus problemas, conviver com os outros, ajustar-se ao que não pode ser mudado e superar os bloqueios à auto-realização.

Percebemos, contudo, que nem sempre a comunicação entre o profissional de saúde e o paciente é terapêutica. Nesse sentido, Padilha (2000) nos alerta que há situações em que a interação para a expressão do eu para o outro recai sobre palavras, atitudes e mensagens mal construídas que podem ferir ou entorpecer o paciente, resultando em hostilidade contra o mensageiro, na exclusão do paciente de um compromisso terapêutico e comprometendo a formação do vínculo necessário ao processo de cuidar. Deste modo, uma interação que deveria ser terapêutica pode ter efeito inverso e tornar-se iatrogênica.

Iatrogenia é uma palavra de origem grega que define o resultado indesejável pela ação prejudicial não intencional dos profissionais de saúde, relacionado à observação, monitorização ou intervenção terapêutica, caracterizando uma falha profissional por negligência. (PADILHA, 2000 *apud* ARAÚJO, SILVA E PUGGINA, 2007, p. 420)

A imprudência do profissional relacionada à percepção inadequada ou má utilização da comunicação não-verbal na interação com o paciente pode desencadear uma ocorrência iatrogênica trazendo graves seqüelas psicológicas ao paciente, as quais, segundo alguns autores, podem ser mais dolorosas que a dor física, influenciando de maneira decisiva o curso terapêutico e o estado de saúde (PERICARDIS, 1999).

A capacidade de julgamento do não-verbal enquanto instrumento terapêutico ou iatrogênico depende da percepção do profissional e ocorre em nível consciente. Ou seja, percebemos com mais facilidade aquilo que nos é agradável, interessante ou que possui um significado especial para nós. Dessa forma, mostra-se necessário que o profissional de saúde treine sua capacidade de percepção, uma vez que a rotina e os pequenos problemas do dia a dia causam o embotamento dessa capacidade (SILVA, 2006).

Pesquisas relatadas por Moneia (2002) mostram as dificuldades enfrentadas por profissionais de saúde em perceber e utilizar os sinais não-verbais de modo consciente. A pesquisa identifica que, embora os próprios estudantes de medicina identificassem a comunicação como primordial no estabelecimento de vínculos e fortalecimento da relação médico-paciente, os sujeitos demonstraram a falta de informação e domínio sobre a mesma, levando-os a pautarem a relação interpessoal com o paciente mais em seu aspecto verbal do que não verbal.

Estudos realizados por CARVALHO (1987); SAWADA (1990); SILVA (1989) e BERTONCELLO (1999) mostraram a necessidade de capacitação e maior atenção por parte



desses profissionais, na medida em que detectam que há falhas na percepção da comunicação não-verbal em nível consciente, e que há possibilidade de aperfeiçoamento, aprendizado e desenvolvimento. Reforçam ainda que esforços concentrados e dirigidos podem ser gerados com essa finalidade específica, levando o profissional a um momento reflexivo. É esse momento reflexivo, segundo Silva (2001), que permite ao profissional de saúde, o entendimento de seu comportamento e da pessoa assistida.

Com base nas idéias expostas dos autores estudados até o momento, concluímos, embora ainda de forma preliminar, que a análise crítica da utilização da comunicação não-verbal em sua prática diária oferece ao profissional de saúde, a oportunidade de aprimoramento de sua percepção.

Surgiram então os questionamentos: Será que o profissional de saúde, após adquirir ampla bagagem teórica sobre comunicação não-verbal, consegue perceber que sua utilização na interação entre profissionais de saúde e pacientes nem sempre é terapêutica? Será que ele identifica em sua vivência diária situações em que o não-verbal do profissional de saúde possa ter caracterizado uma ocorrência iatrogênica?

Quando buscamos responder à essas perguntas, esbarramos na necessidade dos conteúdos de Comunicação nas grades curriculares dos cursos de graduação em Enfermagem.

Dessa forma, esse estudo teve como objetivo descrever o panorama brasileiro do ensino de conteúdos de Comunicação em cursos de graduação em Enfermagem em instituições de ensino superior.

## **Metodologia**

Estudo documental, descritivo com abordagem quantitativa. A amostra foi constituída por Instituições de Ensino Superior (IES), públicas e privadas, que ofertam o curso de graduação em Enfermagem, cadastradas no portal do Ministério da Educação (MEC) na página Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos de Educação Superior. Os dados foram coletados entre os meses de Novembro de 2016 e Fevereiro de 2017.

Inicialmente se fez uma busca na página do cadastro e-MEC onde são expostos todos os estados. Posteriormente passou-se à análise de cada estado da seguinte forma: no cabeçalho selecionou-se a opção “presencial”, na coluna de identificação dos cursos selecionou-se a opção “Enfermagem”. Na coluna posterior foram mostradas as instituições daquele estado que possuem o curso escolhido. Clicando-se na instituição eleita, abriu-se uma nova janela de navegação com a



ficha técnica da instituição com várias abas pertinentes. Na aba “Graduação” foram mostrados todos os cursos ofertados pela IES, inclusive a página eletrônica e índices de avaliação; aqui selecionou-se “Enfermagem”. A seguir foi mostrada a ficha do curso com vários dados sobre o mesmo, tais como: modalidade, início de funcionamento, periodicidade, vagas autorizadas, nome do coordenador, carga horária mínima e endereço.

Assim, por meio da ficha técnica da IES, verificou-se na aba referente ao curso de Enfermagem, o página eletrônica da instituição, onde se pôde verificar a grade curricular, sendo conferidos todos os componentes curriculares e a carga horária correspondente. A seguir buscou-se a informação da carga horária total do curso por meio da ficha do curso presente no cadastro e-MEC.

Os critérios de inclusão considerados foram: cursos de graduação em Enfermagem na modalidade presencial cadastrados no Sistema e-MEC, disciplinas com conteúdo de Saúde Ambiental na modalidade obrigatória. Como critérios de exclusão foram adotados os seguintes parâmetros: não disponibilizar a grade curricular em sua página eletrônica e não ofertar disciplinas com conteúdo relacionado à saúde ambiental ou ofertar como disciplina optativa.

De acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, essa pesquisa não necessita de avaliação por Comitê de Ética em Pesquisa por se tratar de pesquisa com dados secundários de domínio público, disponibilizados por meio eletrônico.

## **Resultados e Discussão**

Foram levantadas 821 IES que ofertavam o curso de graduação em Enfermagem. Deste total, somente 244 (29,7%) atenderam aos critérios de inclusão e foram selecionadas para compor a amostra.

Do total de carga horária de todos os cursos, cerca de 1.175.758h, observou-se que apenas 58.788h (5%) foram distribuídas em conteúdos de Comunicação, embora esses conteúdos se apresentassem associados a outros conteúdos. Quando observamos a presença de conteúdo exclusivo de Comunicação, somente 10.716h (0,9%) foram dedicadas ao ensino da Comunicação em todos os cursos pesquisados.

## **Conclusão**

Embora inúmeros autores e estudiosos apontem a necessidade e a importância das habilidades comunicacionais pelos enfermeiros, o estudo demonstrou que a grande maioria dos cursos de graduação em Enfermagem não trazem os conteúdos específicos para o desenvolvimento



dessa habilidade em seu currículo. Essa constatação se contrapõe àquilo que se espera do enfermeiro durante o atendimento e em sua prática cotidiana do cuidado e relacionamento com a equipe de saúde. É importante que se saliente que uma relação terapêutica tem entre seus pilares a comunicação, que dada a sua importância não pode ser relegada a um papel secundário em relação às disciplinas biomédicas. A superação desse modelo com vistas a um modelo holístico e humanizado passa, necessariamente, pela revisão dos conteúdos trabalhados no currículo dos profissionais de saúde. Nesse sentido é fundamental que se repense a importância da Comunicação enquanto componente curricular obrigatório nas grades da graduação em Enfermagem.

### Referências

1. ARAÚJO, M. M. T.; SILVA, M. J. P.; PUGGINA, A. C. G. A comunicação não-verbal como fator iatrogênico. **Rev Esc Enferm USP**; v. 41, n. 3, p.19-25, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n3/11.pdf>>. Acesso em 24 mai. 2017.
2. BERTONCELLO, K. C. G. **Comunicação não-verbal do paciente em CTI coronariana submetido a intubação orotraqueal** [dissertação]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 1999. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nxtAction=lnk&exprSearch=10112&indexSearch=ID>>. Acesso em: 06 abr. 2017.
3. BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Qualitative research for education: an introduction for to theory and methods**. Boston: Allyn and Bacon, 1982.
4. CARVALHO, D. V. **Necessidade territorial do paciente hospitalizado** [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1987. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nxtAction=lnk&exprSearch=8310&indexSearch=ID>>. Acesso em: 04 jun. 2017.
5. DESLANDES, S. F. Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p.7-14, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19819.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2017.



6. DESLANDES, S. F.; MITRE, R. M. A. Processo comunicativo e humanização em saúde. **Interface: comunicação, saúde e educação** 2009; 13 (1): 641-9. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v13s1/a15v13s1.pdf> >. Acesso em: 08 jun. 2017.
7. MINAYO, M. C. S. **Os desafios do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.
8. MONEIA, A. C. L. **A importância e a compreensão verbal e não-verbal sob a ótica do graduando de medicina** [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2002. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=17559&indexSearch=ID> >. Acesso em: 13 abr. 2017.
9. PADILHA, K. G. A prática de enfermagem em UTI e as ocorrências iatrogênicas: considerações sobre o contexto atual. **Rev Paul Enferm.** 2000;19(3):49-56. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=271&indexSearch=ID> >. Acesso em: 22 ago. 2017.
10. PERICARDIS, A. A. M. Comunicação iatrogênica na cancerologia. **Rev Soc Bras Cancerol.**, v. 2, n. 8, p. 11-3, 1999.
11. PUGGINA, A. C. G.; SILVA, M. J. P. Ética no cuidado e nas relações: premissas para um cuidar mais humano. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 13, n. 4, p. 599-605. Disponível em: < [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1329325/mod\\_resource/content/1/etica%20no%20cuidado%20%281%29.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1329325/mod_resource/content/1/etica%20no%20cuidado%20%281%29.pdf) >. Acesso em: 25 ago. 2017.
12. SAWADA, N. D. **A dimensão não-verbal da interação enfermeiro-paciente em situação pré-operatória** [dissertação]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 1990. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&n>



extAction=lnk&exprSearch=5607&indexSearch=ID >. Acesso em: 18 mar. 2017.

13. SILVA, M. J. P. **A comunicação tem remédio**: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

14. SILVA, M. J. P. **A percepção da enfermeira sobre a comunicação não- verbal dos pacientes** [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1989. Disponível em: <[http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&n\\_extAction=lnk&exprSearch=5607&indexSearch=ID](http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&n_extAction=lnk&exprSearch=5607&indexSearch=ID)>. Acesso em: 05 jul. 2017.

15. STEFANELLI, M. C. **Comunicação com o paciente**: teoria e ensino. São Paulo: Robe, 1993.